

O BOMBEIRO PORTUGUEZ

FOLHA QUINZENAL

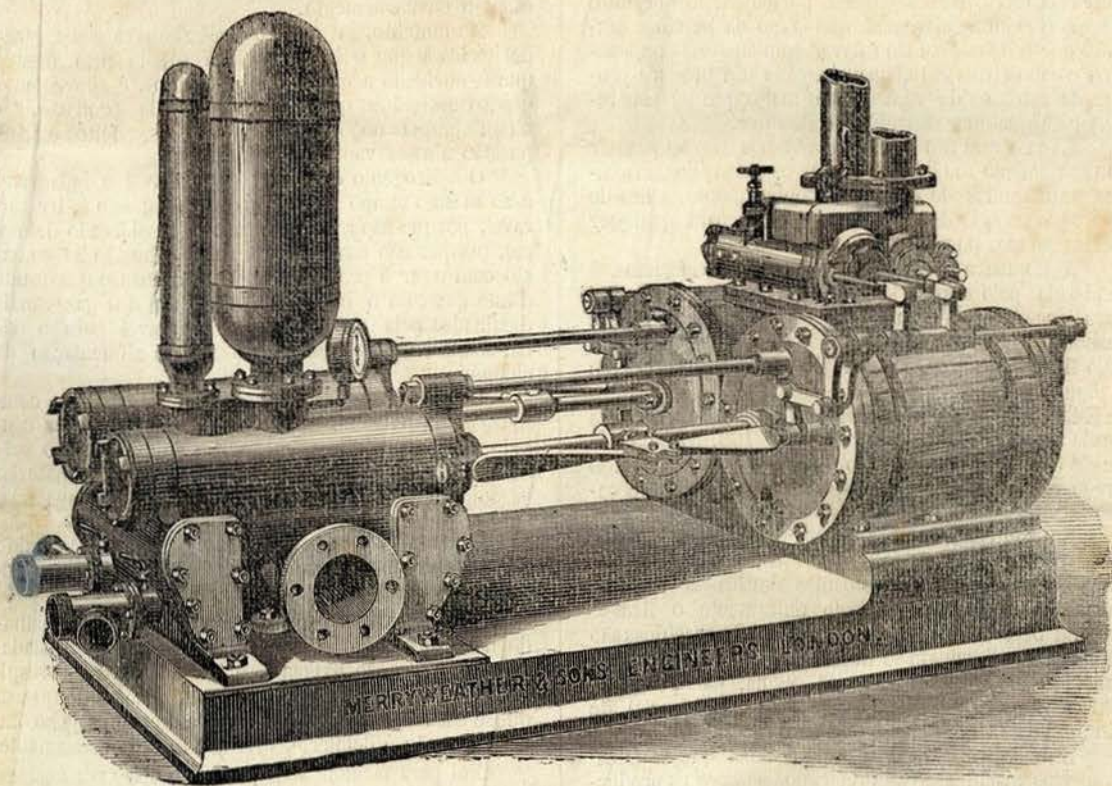
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MEZ

BOAS FESTAS

Não seremos nós que faremos excepção ao uzo estabelecido entre os povos christãos e civilizados de

intimos de familia, os prejuizos e contratempos que soffreram. Desejamos-lhes apenas que o novo anno se lhes apresente risonho, cheio de esperanças e aureolado de felicidades, como nós sinceramente desejamos.

Para o «Bombeiro Portuguez» correu o anno prospero, pois que os seus estimaveis assignantes não



se congratularem mutuamente uns aos outros, por occasião da festa do Natal, data do nascimento de Christo, ou em dia de anno novo.

Terminou o anno de 1878, que a nós não nos deixa saudades. Não sabemos se correu fagueiro e propicio para os nossos assignantes, ou se pelo contrario lhes trouxe desgostos e contrariedades; não somos eos-covilheiros e não pretendemos devassar-lhes os segredos

lhes negaram a sua prestimosa coadjuvação. Mais propicio, porém, espera que lhe correrá o anno que acaba de entrar, porquanto não descançará sem que apresente melhoramentos que muito breve vae iniciar e ha de assim corresponder ao favor publico.

A redacção.

A bomba fixa a vapor

Dissemos no último numero do nosso periodico, que procuraríamos obter uma gravura das melhores bombas fixas; e como já estagamos habilitados a cumprir a nossa promessa, damos hoje á estampa uma d'essas bombas que mais acceitação tem tido.

No numero antecedente já fizemos ver a superioridade d'esta machina, não só como bomba para incendios, mas como motor para outros misteres, além de outras vantagens que apresentamos e relatamos.

Tambem por essa occasião mostramos o alcance e conveniencia que ha de procurarmos o melhor meio de garantir e proteger as nossas propriedades e haveres; não só fazendo aquisição de machinas tão efficazes e aperfeiçoadas como esta, mas por outros quaesquer meios que os nossos bens de fortuna nos proporcionassem.

Mostrarmos os inconvenientes e graves prejuizos que resultam da carencia de meios de protecção, muito embora as nossas riquezas estejam garantidas pelas companhias de seguros, seria repetir aquillo que tantas vezes já escrevemos no nosso periodico; e portanto, apenas recommendaremos, que além da maxima cautella que é de necessidade haver com materias explosivas, combustiveis e inflamaveis, cada um procure prover de antemão de remedio aos males que possam resultar de qualquer descuido ou desleixo.

E' com este fim que não cessamos de apresentar constantemente modelos de todos os utensilios, machinas e aparelhos de que temos conhecimento, a fim de que aquelles que desejarem prevenir-se para qualquer eventualidade, possam fazer a sua escolha.

A bomba a vapor a que hoje nos referimos, é modelada pelo mesmo systema que as outras bombas para incendios e é construida por forma a poder ser manobrada pela caldeira com a pressão desejada, para cujo fim o cylindro do vapor já é proporcionado com o diametro indispensavel.

Estas bombas são fabricadas para poderem lançar agua desde a distancia de 56 metros até 106, consumindo desde 550 gallões de liquido por minuto, até 3,000. O preço varia entre 500 libras e 1,200, conforme o calibre.

Em muitas cidades tambem usam estas machinas para o serviço do rio, e n'esse caso, fazem o mesmo effeito que as bombas fluctuantes destinadas expressamente para esse fim, havendo unicamente o fixal-as em um barco, e nada mais; porque estas machinas são aspirantes e alimentam-se unicamente com o auxilio dos tubos de absorção, cujo preço regula, por pé inglez (30 centimetros), desde doze chelins (2,5700 reis) até vinte, (4,5500) conforme o diametro.

E' na fabrica Merryweather & Sons que se fabricam estas machinas; e se preferimos sempre os productos d'estes acreditados fabricantes, é porque são aquelles que gosam de mais credito na Grã-Bretanha e mais premios tem alcançado em todos os certames, não só do seu paiz como internacionaes, incluindo a medalha de ouro que tão brilhantemente obtiveram na ultima exposição de Pariz, como já noticiamos.

Já temos em nosso poder um desenho da escada «Fernandes», invenção nacional que faz honra ao seu auctor, e apenas aguardamos certos promenores para a apresentarmos em gravura.

O Respirador

Entre os muitos inconvenientes ou obstaculos que impedem os bombeiros de se aproximarem do focco do incendio, sobressae o fumo e não poucas vezes os diversos gazes venenosos ou mephiticos, produzidos pela combustão ou pelo excessivo desenvolvimento de colorico, motivado por varias combinações chemicas, as quaes não descreveremos; não só porque somos forçados a limitar a nossa descripção ao pequeno espaço de que dispomos, mas porque essa omissão em nada prejudica o assumpto de que vamos tractar.

A maior parte d'esses vapores que nos são nocivos e produzem a asphyxia, são geralmente originado pelo hydrogenio, acido carbonico, acido sulphuroso azote e muitos outros gazes, de cuja classificação não nos occuparemos pelas razões já expostas. Como todos sabem, estes phenomenos nascem das alterações sensiveis que estas exhalações produzem na atmosphaera, fazendo-a perder o seu oxigenio e transformando-a em gaz oxidificante, o qual tem a particularidade de paralisar as funcções dos orgãos respiratorios ou de produzir o envenenamento.

No entanto, já que nos referimos a esses gazes deletorios a que o bombeiro está sujeito pelo mister que é obrigado a exercer nos incendios, é conveniente que os individuos que seguirem aquella profissão, tenham algumas noções das propriedades, effeitos e composição d'esses vapores mephiticos.

O hydrogenio é um gaz combustivel e inflamavel e ao mesmo tempo nocivo aos pulmões; isto é, irrespiravel, porque asphyxia; mas não é considerado deletorio, porque não envenena. A sua combustão ao contacto com o ar é promovida pela combinação que resulta d'este gaz com o oxigenio, que é um dos gazes mais espalhados pela natureza e indispensavel para a vida, sendo-o consequentemente para a alimentação da chamma.

O acido carbonico é um gaz produzido da combinação do oxigenio com o carbonio e pôde ser causado, não só pela respiração dos animaes, como pela combustão, fermentação ou decomposição das materias organicas; isto é, d'aquellas que possuirem materias animaes e vegetaes.

O acido sulphuroso é aquelle gaz que é produzido pela combustão do enxofre e que é excessivamente nocivo á respiração.

O azote que se encontra abundantemente espalhado na natureza em contraposição á acção demasiadamente energica do oxigenio, é improprio para a respiração quando só ou em proporções maiores do que as que se encontram na atmosphaera. Comquanto seja incombustivel, não é deletorio, mas soffoca instantaneamente.

Foi para facultar ao bombeiro o accesso a logares, cuja atmosphaera estando impregnada de vapores mephiticos, tornasse impossivel a respiração; que se inventaram os innumerables aparelhos de que temos noticia, conhecidos sob o nome generico de «Respiradores», mas tendo cada um a sua denominação especial ou nomenclatura, segundo o nome ou phantasia do inventor.

As principaes causas de quaesquer d'estas invenções tem por base tres principios—o primeiro, fornecer ar puro do exterior; isto é, da rua com o auxilio de tubos, por meio de bombas de alimentação ou sem ellas—o segundo, por meio de um recipiente ou vaso que é conduzido pelo individuo a quem tem de alimen-

tar os órgãos respiratorios—o terceiro, filtrar ou purificar os gases deleterios e asphyxiantes, para que só entre nos pulmões ar respiravel.

O unico respirador que os bombeiros municipaes possuem está comprehendido sob a denominação que nós classificamos em segundo lugar, no periodo antecedente; e dizemol-o com pezar e vergonha, é um aparelho inutil, não só pelo tempo que se gasta a preparal-o e pelas muitas vezes que fica esquecido no quartel, como por haver **apenas um unico** bombeiro que o saiba manejar!

N'estas circumstancias, seria quasi desnecessario descrevel-o. Porém, como a companhia de incendios do Porto ha de necessariamente melhorar, não só de organização, como de direcção; porque, já que todas as artes ou profissões acompanham mais ou menos a marcha progressiva da sciencia, esta não será por certo uma excepção. N'este presuppuesto, animamo-nos desde já a descrever esse aparelho; e fazemos igualmente votos para que não tenha o mesmo destino que tem tido outros utensilios de reconhecida utilidade; que foram abandonados pela pronunciada ignorancia de uns, ou deteriorados e inutilizados pela incuria e desleixo de outros.

Essa companhia de bombeiros voluntarios, que foi sempre solicita em adquirir bons aparelhos e aprestes, possuia dous respiradores, sendo um para fornecer o ar do exterior por meio de tubos e o outro composto de preparados chimicos para servirem de filtro; mas, já que essa corporação, como tudo quanto é util e proveitoso, deixou de existir ou pelo menos de prestar os seus valiosos serviços, por causas que são do dominio publico, ficou a cidade privada de todos esses petrechos aperfeiçoados.

O *respirador* da companhia de incendios do Porto compõe-se de um sacco do couro (recipiente) que se enche d'ar por meio de uns folles ou soprando, e é collocado ás costas do bombeiro e prezo com correias; tem dous tubos para introduzir na bocca, o de *transmissão* e o de *emissão*; um cinto com fivella; um par de *pinças* de madeira, com *molla* de metal em *aspiral* para apertar as fossas nasaeas; uns *oculos* redondos de vidro com cercadura de guttapercha para adherir á carne e impedir a entrada do fumo; uma corda fina chamada *fiador*, que serve de guia ao bombeiro, que prende a si uma das extremidades, ficando a outra em poder de outro, no exterior.

Cada um dos *tubos* tem a respectiva *valvula*, sendo uma para dar passagem ao ar que sae do *recipiente* para os pulmões e a outra pela qual é expellido depois de respirado.

Os inconvenientes d'este respirador, além da morosidade em preparal-o, são muitos, a saber: o *recipiente* pode facilmente rasgar-se em algum prego; esgotado o ar n'elle contido, fica o bombeiro em peiores condições do que se não tivesse aparelho algum; o seu muito volume ou disposição, não só se torna incommoda, como impede a passagem por sitios estreitos etc.

Muito mais superiores e efficazes são os *respiradores* dos bombeiros voluntarios, assim como muitos outros de que temos noticia, notando se entre os melhores e principaes, os seguintes: o «Paulin» e «Tyndall», já illustrados no nosso periodico, o «Daneyrouse», «Barton» e muitos outros.

Reservamos a sua descripção e d'outros aprestes, para quando terminarmos estes artigos explicativos do material da companhia de incendios do Porto, sua nomenclatura e uzo.

Descoberta

Um chimico francez, M. Queynet, segundo informações fornecidas ao commandante dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, acaba de descobrir um methodo de extinguir com rapidez os fogos em chaminés, o qual tem dado os mais satisfactorios resultados, depois que os bombeiros de Pariz o puzeram em pratica.

O systema consiste em se queimar cerca de 100 grammas de sulphureto de carbonio em dois pratos grandes e concavos, collocados no fogão ao meio da chaminé.

Até agora, os fogos em chaminés, na cidade de Pariz eram geralmente apagados por meio de enxofre tambem queimado no fogão, processo que quasi sempre carecia para dar resultado, ficar vedada a parte superior da abertura da chaminé, o que nem sempre era possivel. Além d'isso, o enxofre tem muitas vantagens que o sulphureto não tem.

Com este methodo de extinguir fogos em chaminés, conseguiram os bombeiros de Pariz apagar 251 incendios durante o primeiro trimestre d'este anno, sendo muitos d'elles instantaneamente e sem ser necessario subir ao telhado ou causar o menor estrago.

Lembramos a conveniencia de se adoptar aqui o mesmo systema.

Extintor

Lêmos n'um diario d'esta cidade:

«Ultimamente foi experimentado em Pariz um extintor de incendios, denominado «extintor e mata-fogo.» Para isso levantou-se um barracão de madeira, contendo aduellas de pipas, taboas de pinho, montes de lenha, etc., todo coberto de alcatrão e regado de petroleo e outros oleos.

«N'um momento dado, lançou-se fogo aos montes de lenha; alguns momentos depois, a construcção tornou-se um brazeiro ardente, do qual teria sido perigoso a qualquer pessoa aproximar-se.

«M. Veygane, collocando-se então a uma dezena de metros, lançou, por meio do extintor, um jacto do liquido que, em menos tempo do que é preciso para o descrever, apagou completamente o fogo.

«A experiencia foi feita no meio de um grande concurso de convidados e curiosos.»

Pelo que deixamos transcripto supomos que o aparelho em questão será o *Extincteur* ou *Mata-fogo* da casa Lipman & C.^a de Glasgow, invenção de W. B. Dick e que ainda não ha muito tempo ahi vimos provar, ou pelo menos uma imitação.

No nosso numero de 5 de Julho de 1877 occupamo-nos detidamente d'este aparelho, fazendo acompanhar o artigo d'uma gravura onde se via em acção o Extintor.

Para esse artigo chamamos a attenção dos nossos leitores que quizerem conhecer as vantagens d'essa utilissima e quasi indispensavel machina.

Os desmoraamentos e os bombeiros da capital

Escrevemos ainda debaixo da dolorosa impressão que nos causou a noticia do desmoraamento da fachada dos Jeronymos em Belem, sepultando nas ruinas oito desgraçados operarios e do espectáculo que presenciámos n'esta cidade d'um desabamento não menos funesto fazendo victima uma familia inteira.

Não está na indole do nosso periodico a narração d'estas desgraças de que os diarios minuciosamente se occuparam e que desnecessario seria por isso repetir.

No primeiro numero do nosso humilde quinzenario escrevemos o seguinte:

«Um punhado de homens, sem galardão mais que a consciencia do bem, porque não é o salario que os seduz, nem assalariados iriam tão longe, investem com as chammas, uns envolvidos em nuvens de fumo, outros guindando-se a immensa altura—outros emfim rompendo ondas de fogo—este, arranca da asphixia o velho ou a criança inerme; aquelle salva da destruição o fructo de muitos dias de suor e de trabalho.—Que espectáculo!—todos são irmãos, todos trabalham, todos lidam, todos se esforçam; a farda do voluntario e a farda do artista-bombeiro confundem-se pela mesma idéa, pelo mesmo principio, pelo mesmo motor!

São estes os heroes de quem o BOMBEIRO PORTU-

QUEZ irá passo a passo descrevendo os feitos, tornando-o vosso conhecido para o saberdes apreciar, advogando-lhes os interesses, pugnando pelos seus direitos e fazendo-lhe dar o que tão ingratamente lhe negam: é a tarefa a que se compromette e o alvo a que mira.»

Hoje, fieis ao nosso programma, vimos tornar conhecidos os relevantes serviços com que se honraram os bombeiros da capital correndo pressurosos á noticia da terrivel catastrophe que sepultou vivos alguns desgraçados. De toda a tarefa que nos impozemos é esta parte por certo a mais grata que cumprimos.

O que são e o que valem os briosos bombeiros de Lisboa e de Belem, cujo heroismo, cuja abnegação todos os dias se prova, já á luz sinistra das chammas, já entre ruinas a desabar com eminente risco de serem por sua vez sepultados, todo o reino o sabe. Modelos de disciplina, de trabalho e de ordem, cada bombeiro de Lisboa é um benemerito.

Procuramos conhecer os nomes de todos que se tornaram dignos de menção. E' de suppor que algum nome escapasse e sinceramente o sentimos:

Antonio Esteves Martins—Bombeiro municipal de Lisboa n.º 7.

Antonio Lopes—Sota do carro 27.

Eduardo Augusto dos Santos Rodrigues—Bombeiro municipal de Lisboa n.º 62.

Francisco Caetano Rodrigues—Bombeiro municipal de Lisboa n.º 70.

REVISTA THEATRAL

Não pode ser mais auspiciosa a estreia da companhia lyrica italiana. Os mais escrupulosos dos habitues antigos, os *Villettanti* d'outras eras, puxando pelos cordões da imaginação recordavam-se de *sopranos* inimitaveis, *tenores* admiraveis, *baixos* heroicos; citavam este ou aquelle artista, trauteavam uma *aria*, uma *romanza*, um *duo*, uma *cavatina*, e transportando-se aos tempos doirados do nosso theatro do largo da Batalha, suspiravam pelas bellas noites que passavam.

Hoje, as companhias italianas precedentes, deram azo a que o publico esteja de sobreaviso, não fazendo obra pelo pomposo dos cartazes, nem pelas recommendações dos *avant-gardes*, d'encommendas.

Apezar de todas as desconfianças e de todas as incertezas, a companhia lyrica chegou e cantou.

Ora o facto de chegar, é natural para quem parte, mas cantar, é caso mais serio, visto as gargantas italianas perderem todo o brilho e sonoridade ao pizar terras de Portugal, assim como o *beriberi* desaparece á aproximação de paiz mais ameno.

Pois cantaram, os artistas, berraram os coros, e o publico applaudiu, com a satisfação de quem não é logado, nem na sua boa fé, nem na sua algibeira.

Digamos duas palavras a respeito dos cantores e da opera:

Os cantores mais principaes chamam-se Isabel d'Escalante, Resmunda Cescati, Guieseppe de Sanctis e Gaetano Montic, e a opera escolhida para estreia, o *Roberto*, o *diabo*, partitura admiravel, do illustre maestro Meyerbeer.

Contam-se d'esta opera maravilhas; as que mais

lhe notamos, são as que se expandem no decorrer de todas aquellas bellezas musicas; Meyerbeer revelou-se um profundo conhecedor d'essa divina arte, que com tanto sentimento cultivou Bellini, e tanto ardentemente inspirou Verdi.

A partitura é difficil; para a sua boa execução require-se um talento de primeira grandeza, e uma alma verdadeiramente artistica.

Os artistas encarregados de a executarem houveram-se com primor, com arte, com conhecimento.

Cantaram d'uma maneira digna do nosso applauso, e o publico, não lh'o recusou.

Isabel d'Escalante tem uma voz agradável, doce, d'um timbre suave; modula bem, e as notas sabem-lhe com limpidez, como tanto convem a uma artista de primeira ordem.

Rosmunda Cescati, artista de largos horisontes, talento ainda em flor, é uma cantora apreciavel; cantou com muito methodo, o que já é muito para uma artista que principia.

Estudando, e sendo bem dirigida, a talentosa artista occupará um lugar invejavel na já extensa galeria dos illustres cultores da arte musical.

De Sanctis, é um tenor distincto; se a sua voz não tem volume, tem frescura, sonoridade; vocalisa bem, e é correcto na execução.

Monti, um trovão; um basso similhando Jehovah, irado, e profundo, ameaçando a terra, o mar e o mundo.

E' um artista como poucos tem estado entre nós; possui muitos conhecimentos d'arte, canta e representa, e estas duas qualidades não se topam assim a esmo.

Na opera o *Roberto*, ha um *tercetto a secco*, que estes tres artistas cantaram perfeitamente bem, tanto mais se attendermos a que elle é d'uma difficilissima execução.

Parabens aos artistas e ao publico.

Guilherme Eduardo da Conceição—Bombeiro municipal de Lisboa n.º 118.

José Bruno Dias—Bombeiro municipal de Lisboa n.º 97.

José Rodrigues Marques—Bombeiro municipal de Lisboa n.º 102.

Luiz Francisco Gravata—Bombeiro municipal de Lisboa n.º 112.

**

Antonio Alves—1.º patrão da bomba 7 de Belem.

Antonio Batalha—Bombeiro municipal de Belem.

Antonio Eduardo Maciel da Gama—Bombeiro municipal de Belem.

Domíngos Martins—1.º patrão da bomba 9 de Belem.

Francisco Tavares—1.º patrão do carro 2 de Belem.

José Joaquim d'Abreu—Bombeiro municipal de Belem.

**

Os conductores dos Bombeiros Voluntarios de Belem 1, 2, 3, 4, 5 e 7.

**

Julgamos ocioso dizer que Carlos José Barreiros,

**

No theatro Baquet, representou-se em beneficio do actor Firmino um drama de Souvestre—*Fidalgos e operarios*—peça que as plateias da capital conhecem com o titulo de—*Cruz de Magdalena*.

Desenvolve uma acção estafada, e tem scenas que pedem o auxilio d'um cabo de segurança.

O desempenho, em geral, foi mau, em que pese a muita gente.

No meio de toda a balburdia e de todo o charivari, salvou-se o beneficiado, artista de merito, trabalhador incansavel, e homem de bem.

N'esta casa d'espectaculos appareceu-nos um prodigio, uma maravilha que nos deixou... *maravilhados!*

Mr. Gauthier, pintou um quadro em 5 minutos, mas um quadro farto de perspectiva e de luz, de colorido e tintas.

Quatro pinceladas sacudidas e vigorosas, formam uma paisagem agradavel e impressionadora, que o actor d'estas linhas se não recusaria a receber, caso o artista insistisse com elle para a acceptar.

Sem insistencia não!..

O pintor repentista logrou merecer entre nós applausos sinceros, e que já é, depois d'umas cantatas tecidas em Lisboa a tantas vulgaridades, e que os órgãos baratos-lhe assopraram, em artigos de tres quartos de columna.

Mr. Gauthier é um artista de immensos recursos, um bom talento, que nós admiramos reverentemente.

**

O Principe Real (o theatro, entende-se) deu-nos, ha poucos dias, em beneficio do actor Polla, um dra-

ma original portuguez—*O botão d'ancora*, de que quizeramos fallar mais largamente, se o tempo nos sobrasse e o espaço não nos faltasse.

**

Ao desastre occorrido n'esta cidade na rua de Salgueiros não foram prestar os seus serviços os bombeiros municipaes.

Em compensação, porém, distinguiram-se os soldados do destacamento de cavallaria e alguns particulares, entre estes o carpinteiro Chaves que foi infatigavel.

Louvamos o digno coronel Zagallo, do regimento d'infanteria 18; por ter mandado os soldados auxiliar os trabalhos.

A esta afanosa faina assistiram trez bombeiros e entre elles um sargento; mas limitaram-se a cruzar os braços ante tão desastrosa calamidade.

Reconheceram provavelmente a sua incompetencia para esta ordem de trabalhos.

ma original portuguez—*O botão d'ancora*, de que quizeramos fallar mais largamente, se o tempo nos sobrasse e o espaço não nos faltasse.

Duas palavras só—no meio de toda essa mixórdia de dramas, que para ahí nos impingem todos os dias as emprezas theatraes, traduzidas do francez, e d'outras linguas, é consolador vermos uma peça que nos enthusiasma e nos patenteia que os bons talentos portuguezes não recuam ante a invasão sacrilega dos traductores *traidores*.

O botão d'ancora é um drama completo, bem architectado, bem acabado, e bem escripto. Especialisamos o 4.º acto, cheio de scenas bem preparadas e repleto de bellezas, que se apreciam, vendo-se.

O desempenho foi bom.

No theatro Principe Real trabalha-se; ha alli talentos que procuram engrandecer-se, e não mediocridades que pretendem apparentar.

A companhia coreographica continua a sua obra tentadora, dançando.

Emilia Nardini, desertou para o theatro de S. João, onde se mostra, em evoluções constantes, ao respeitavel publico, que lhe applaude a agilidade e o *chic*. Ficou porém Lola Gomes, uma travessa rapariga, formosa como a superficie do Mansanares, e cheio de viveza como uma das telas de Mr. Gauthier.

Ao lado d'ella, Dolores Montero e Magdalena, duas tentações a moverem-se, requebrando-se, n'aquelle abandono langoroso, que aprenderam as hespanholas, ao som da pandareta e da castanhola, os favoritos instrumentos dos nossos visinhos amaveis.

Se o leitor quizer, das nossas amaveis visinhas.

Porto—1878.

F.

Ella por ella

Como todos sabem, o digno commandante de Villa Nova de Gaya, o sr. Eduardo da Costa Santos, publicou no periodico a *Lucta* uma analyse ao novo regulamento dos bombeiros, elaborado pelo actual vicepresidente da camara, o dr. José Augusto Correia de Barros; em cuja analyse censura acremente, não só o alludido regulamento e o seu auctor, mas muito especialmente o relatorio.

Como refutação á apreciação do sr. Santos, começou o sr. Guilherme Gomes Fernandes, commandante dos bombeiros voluntarios d'esta cidade, a publicação de uma serie de artigos, o primeiro dos quaes já hontem veio publicado na *Lucta*.

Por emquanto limitou-se a declarar os motivos que o levaram a refutar a apreciação do sr. Santos, pelos quaes se vê que não houve animosidade, nem tenção de offender aquelle cavalheiro, de quem diz ser intimo amigo; mas unicamente questão de principios e o desejo de querer provar que não havia sido tão leviano quando elogiou em tempo o trabalho do sr. Correia de Barros.

Aguardemos e depois emitiremos a nossa opinião a este respeito; porque, como haviamos declarado, tambem teremos que dizer, visto discordarmos em alguns pontos com a opinião do sr. Santos e não sabemos agora se concordaremos plenamente com a do sr. Gomes Fernandes.

Ficamos á espera.

O NOVO REGULAMENTO

DOS

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DO PORTO

(Continuação do numero 41)

CAPITULO XII

DO FACULTATIVO

Art. 99.º Poderá haver um facultativo pago, logo que o cofre da associação o permita, com a obrigação de comparecer em todos os incendios para que haja toque, bem como nos exercicios e demais trabalhos.

Art. 100.º Cumprir-lhe-á prestar os seus serviços clinicos áquelles que d'elles carecerem, por motivo de ferimento, contusão ou doença adquirida nos incendios, exercicios e demais serviço a que concorra esta corporação, em conformidade com este regulamento.

Art. 101.º Terá sob sua responsabilidade a renovação dos medicamentos das caixas de ambulancia, os quaes requisitará ao commandante, quando forem necessarios.

Art. 102.º Será coadjuvado por bombeiros voluntarios escolhidos para esse fim de entre o pessoal de cada um dos carros de material e nomeados pelo commandante, de accordo com o facultativo.

CAPITULO XIII

DOS CAPATAZES

Art. 103.º Aos capatazes cumpre-lhes, na ausencia de qualquer voluntario, commandar os serventes e vigiar que os seus trabalhos sejam feitos com toda a regularidade e sejam cumpridas as ordens e disposições d'este regulamento, principalmente as que lhes digam respeito.

Art. 104.º Os segundos capatazes substituem os primeiros na sua ausencia.

CAPITULO XIV

DOS CHAVEIROS E SERVENTES

Art. 105.º Teem por dever executar todas as determinações do commandante, ou de quem as suas vezes fizer, e cumprir cabalmente as funcções de que estiverem encarregados.

Art. 106.º Os chaveiros não poderão abandonar as suas estações por mais de dois minutos ou ir mais distante d'ellas, do que 20 metros, sem auctorisação superior e sem deixarem quem os substitua.

Art. 107.º Os serventes nunca poderão abandonar o seu posto, quando em serviço, sem auctorisação dos seus superiores.

Art. 108.º Tanto os chaveiros como os serventes deverão saber lêr, escrever e contar; e não serão admitidos para serventes, homens com menos de 18 e mais de 40 annos, ou que não tenham a preciza rebus-tez.

Art. 109.º Tanto os chaveiros como os serventes teem o mais rigoroso dever de tratar com a maxima delicadeza e respeito todos os bombeiros voluntarios, ou outras quaesquer pessoas com quem tenham de estar em contacto.

Art. 110.º Aos chaveiros cumpre-lhes, especialmente, ter sempre as suas estações e material que ellas contemham, no maior aceio; e as bombas ou carros sempre preparados para qualquer eventualidade, devendo dar parte ao seu 2.º patrão de qualquer falta ou material deteriorado que lá existir.

Art. 111.º Teem por dever tomar nota da hora em que foram reclamados os soccorros, e o nome da pessoa que trouxe o aviso, a qual ficará retida até se averiguar a verdade, devendo entregal-a á policia, quando for falsa a participação.

Art. 112.º Cumpre-lhes mandar alguém avisar o commandante ou quem as suas vezes fizer, da sabida da bomba ou carro.

Art. 113.º Aquelles chaveiros que tiverem outros deveres a cumprir, impostos pela direcção, deverão igualmente executar-os por forma que não prejudiquem o serviço das estações, ou transgridam as disposições aqui exaradas.

Art. 114.º Aos serventes cumpre-lhes, especialmente, conduzir as bombas ou carros, desmontal-as, estender mangueiras e trabalhar aos varaes das picotas, conforme as ordens que receberem.

Art. 115.º Os serventes de cada bomba teem um 1.º e um 2.º capataz, que as commandam na ausencia de qualquer voluntario, e são responsaveis pela execução de todas as disposições d'este regulamento, que dizem respeito aos serventes.

Art. 116.º Todos os serventes teem por dever fazer piquetes nocturnos ou diurnos, quando lhes for designado, sendo-lhes comtudo permitido, para sua commodidade, trocar com os seus companheiros, com auctorisação do chefe do piquete.

Art. 117.º Quando por ventura faltar o chefe, toma o commando o 1.º capataz; na sua falta o 2.º, e na falta d'este o mais antigo; devendo depois participar ao commandante essa circumstancia, dentro do praso de 12 horas, assim como outra qualquer occurrencia que por ventura se dê.

Art. 118.º Auxiliam os chaveiros na limpeza do material, conforme lhes for designado na ordem de serviço, que será collocada na estação, assim como a tabella dos piquetes.

Art. 119.º Devem comparecer em todos os incendios, exercicio e demais formaturas, completamente uniformizados, salvo quando lhes for ordenado o contrario.

Art. 120.º A nenhum é permitido desmontar a bomba ou executar qualquer manobra, sob sua responsabilidade, sem ordem do bombeiro voluntario mais graduado e na falta d'este do mais antigo que estiver presente.

§ unico. Só na falta de superiores e em casos extremos e muito especiaes, poderão ser desculpados aquelles que transgredirem as disposições d'este artigo.

(Continúa)

Está em distribuição o ALMANACH DO BOMBEIRO PORTUGUEZ.

Rogamos aos srs. assignantes das provincias façam acompanhar as suas requisições da respectiva importancia (300 réis cada exemplar) para a boa regularidade e prompta expedição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á administração d'este jornal.

O ALMANACH acha-se á venda em todas as livrarias e nas principaes tabacarias.

Informações

Dos nossos correspondentes das provincias recebemos as seguintes:

EM BRAGA

No dia 13 do passado houve um principio de incendio na rua de S. Domingos na casa de Maria das Neves toucinheira, quasi octogenaria.

Ainda que não causou prejuizos materiaes, ha a lamentar o desastre que occorreu á pobre velha que ficou muito maltratada pelas queimaduras que soffreu nas pernas, por se lhe incendiarem os vestidos quando se aquecia a uma fogueira.

EM FARO

N'um prédio da rua da Sapataria, pertencente ao sr. barão da Ponte de Marzil deu-se um principio de incendio na chaminé.

Foi de prompto extinto depois do inevitavel alvoroço que causou o terrivel hospede.

EM GUIMARÃES

No dia 15 do passado tiveram revista na casa da sua estação na rua Nova de Santo Antonio os bombeiros voluntarios de Guimarães.

Finda ella procedeu-se á leitura dos novos estatutos pelos quaes se vae reger aquella associação.

NO TEJO

Houve no dia 24 uma explosão a bordo da escuna norueguesa «Frode», ancorada no Tejo em frente da estação do caminho de ferro.

Estava carregada de carvão de pedra e parece que uma luz impensadamente levada ao porão, originou a explosão que fez saltar a gaiuta da escotilha da ré, ferindo o cosinheiro.

EM SOUZA

Um incendio destruiu em Souza a madrugada de 25 do passado o importante estabelecimento do sr. Bernardo Carreto dos Santos.

A casa que é propriedade do sr. Francisco Martins Rodrigues Pereira, foi totalmente destruida, perdendo todos os seus haveres e inquilino. Correram risco de que o fogo se lhes communicasse ás casas vizinhas.

Uma porção de polvora e alguns barris de petroleo contribuíram para tornar mais devastador o medonho incendio.

Sempre a imprevidencia.

De Coimbra que dista cerca de 30 kilometros foram enviados soccorros que chegaram tarde o que não admirou em vista da distancia.

VARIAS NOTICIAS

Segundo ouvimos dizer, parece que o vereador do pelouro dos incendios ordenou que a guarnição da bomba da Foz fizesse exercicio, como castigo pelo mau serviço que fez no ultimo incendio ali manifestado e que fossem alli dous sargentos dos mais peritos ensinar o sargento d'aquella secção e mais bombeiros.

Se assim é, louvamos o procedimento do sr. vereador.

Os bombeiros, que já haviam começado a apresentar-se com mais decencia ao serviço dos theatros, cêdo se arrependeram, apresentando-se agora em tal estado, que longe de infundirem respeito, apenas inspiram receio.

Além do fardamento immundo e variado com que muitos d'elles se apresentam, temos presenciado ultimamente que alguns vão para o theatro em tal estado de embriaguez, que melhor seria irem de preferencia para o aljube.

Temos clamado contra esta farça que o piquete vae representar para as salas de espectáculo; e já que as nossas queixas não são ouvidas e se não melhora este serviço, era muito mais conveniente supprimit-o.

Lucravam as empresas theatraes e a moralidade.

Acaba de ter lugar em Clitheroe o decimo quarto banquete annual da companhia de bombeiros voluntarios d'aquella cidade. Presidiu a esta festa o presidente da camara municipal.

Os bombeiros voluntarios de Coventry tambem festejaram ha pouco o anniversario da sua installação, com um esplendido jantar ao qual presidiu o conselheiro Neale, assistindo igualmente deputações de varias companhias.

Um assignante do «Jornal do Commercio» de Lisboa, enviou áquella redacção, para entregar ao bombeiro Maciel da Gama 4500 para comprar um casal de perus.

O brioso bombeiro apressou-se a reclamar a libra para... concorrer com ella á subscrição que estava aberta no escriptorio d'aquella jornal para as familias das victimas de Belem.

Folgamos de registrar a bizarra acção que um jornal chama e com razão, acção de bombeiro.

Parece que vai representar-se no theatro Baquet, d'esta cidade uma comedia de costumes populares do Minho, intitulada «Uma esfolhada», original do digno inspector dos incendios de Braga, o sr. Gaspar Leite de Azevedo.

Fiamos que da sua muita illustração sahirá obra apreciavel.

De 114 fogos que se manifestaram em Denver, na America, durante os ultimos dezoito mezes, 53 são attribuidos aos incendiarios!

Em Santiago, capital do Chili, existe uma magnifica e eficiente companhia de bombeiros voluntarios, que possuem, além de varias bombas manuaes, duas bombas inglezas a vapor.

Ao que parece, as companhias de incendios de Constantinopla teem melhorado bastante.

Tendo-se alli manifestado ultimamente tantos incendios, só em um d'elles arderam oito pequenas casas de madeira; o que prova que os turcos, sendo devidamente amestrados, podem não só ser bons soldados, como excellentes bombeiros.

A cidade de Shanghai possui uma das melhores companhias de bombeiros voluntarios do mundo.

Em Sião notam-se poucos casos de incendiarismo, provavelmente devido ao castigo severo para taes crimes.

Provando-se a criminalidade, o incendiario é immediatamente decapitado e os parentes vendidos como escravos.

Em Kobe, no Japão, existem duas companhias de bombeiros voluntarios, compostas de estrangeiros, possuindo cada uma a sua bomba manual e carro de escadas.

A cidade de Hamburgo tem ultimamente merecido especial attenção o fornecimento e abundancia de agua.

Oxalá que aqui fizessem outro tanto!

Durante o grande incendio do hotel Selma, Alabama (Estados Unidos) milhões e milhões de mariposas, attahidas pelo clarão das chammas, vieram das plantações do algodão, da margem opposta do rio, e esvoaçavam em torno d'aquella fornalha ardente até deparar com a morte. Milhares de pessoas presenciaram esta scena.

Depois da catastrophe de Belem o commandante dos bombeiros voluntarios d'aquelle concelho acompa-

nhado dos chefes da 1.ª esquadra fizeram a pedido para socorrer as familias das victimas d'aquella desgraça. Produziu 52,830 réis.

S. M. El-rei mandou distribuir pelos bombeiros que tinham tomado parte mais activa no trabalho de Belem 50 libras.

A camara municipal de Lisboa deliberou, sob proposta do vereador Rodrigues da Camara, que se gratificasse com 12,500 réis cada um dos bombeiros que tomaram parte nos trabalhos do desmoronamento da torre dos Jeronymos em Belem, conseguindo-lhes um voto de louvor, e recommendando-os ao Governo de S. Magestade.

Vae entrar em ensaios no theatro da rua dos Condes, em Lisboa, um drama intitulado *O Bombeiro*.

A camara de Belem, em sessão de 24 do passado, gratificou com 27,500 réis o 1.º patrão Maciel de Gama, que trabalhou no descobrimento de Antonio Caetano, no desmoronamento dos Jeronymos; e com 9,500 réis cada patrão e sota dos que o cóadjuvaram. Elevou de 250,000 a 300,000 réis o ordenado do inspector dos incendios, e resolveu recommendar á municipalidade regia o patrão Maciel de Gama.

Expediente

O **Bombeiro Portuguez** vende-se avulso na Livraria Civilisação, á rua de Santo Ildefonso n.ºs 8 e 10 e na rua do Bomjardim, 197 (ao Paraíso).

O preço de cada numero até á publicação do seguinte é de 50 réis, e decorrido esse prazo será de 200 réis.

O escriptorio da redacção e administração do **Bombeiro Portuguez** é na rua de Fernandes Thomaz, 128. Para alli deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.

O **Bombeiro Portuguez** assigna-se na livraria Civilisação, Santo Ildefonso, n.ºs 8 e 10, e bem assim o **Almanach do Bombeiro Portuguez**, para o qual se recebem annuncios na mesma casa.

ANNUNCIOS

IMPRESA CIVILISAÇÃO

DE

SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10

N'esta typographia, recentemente montada, toma-se conta de toda e qualquer obra não só respeitante á mesma, mas tambem de lytographia.

IMPRESA CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS

8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10